

CANÇÕES DE SCHUBERT SOBRE TEXTOS DE WILHELM MÜLLER

OUVINDO POEMAS DE HEINE COMO “LIEDER” DE
SCHUMANN

MÜLLER E HEINE CANTADOS POR SCHUBERT E
SCHUMANN

Rui Vieira Nery*

Os dois textos sobre as parcerias Wilhelm Müller–Franz Schubert e Heinrich Heine–Robert Schumann constituem, de algum modo, no seio da Arte de Música, um díptico inseparável e de características em boa parte singulares. De facto, no corpo de toda a obra é apenas nestes dois poemas sobre canções de câmara que Sena incide explicitamente, quer sobre o tema essencial da interação entre a palavra, lida ou falada, e a sua expressão musical, quer sobre a própria relação de precedência, se não mesmo de poder efetivo, por assim dizer, que nessa conjunção se estabelece entre os dois registos expressivos.

Sena revê-se com evidente exaltação na aliança, a seu ver modelar, entre esses expoentes absolutos da Poesia e da Música do pleno Romantismo europeu que são Heine e Schumann, mas – reconhecendo, muito embora, o que a voz e o piano acrescentam ao poema – considera que haveria já na essência do próprio poema, na perfeição intrínseca dos seus sons e dos seus sentidos, uma “pensada música” implícita que a própria música se limitaria a explicitar (“apenas disserta musicalmente sobre as dores do poeta”). É curioso constatar como para o nosso poeta – que, nas suas próprias palavras, se teria chegado a imaginar na primeira adolescência um “pianista e compositor ilustre” antes de optar pela vocação poética – parece ser reconfortante este alegado predomínio natural da palavra inicial sobre o seu

tratamento musical ulterior, como que confirmando a sua própria escolha de itinerário pessoal. Não é por acaso que o próprio título descreve os *Dichterliebe* como “poemas de Heine como *Lieder* de Schumann”, numa ordem dos fatores que é tudo menos arbitraria. Tal como é evidente, por outro lado, a confiança do crítico na eficácia e na legitimidade dos seus próprios instrumentos analíticos (a “análise possível, necessária”, para citar o outro poema) para identificarem e descreverem com rigor as bases em que assentaria a excelência literária desse texto poético matricial. Perante Heine e Schumann, Sena, como poeta e como crítico, sente-se na sua zona de conforto.

Só que ao tratar de *Die schöne Müllerin* e do *Winterreise* de Müller e Schubert Sena se vê forçado a questionar a validade última – ou pelo menos a reconhecer os limites – desse seu próprio instrumentário analítico sofisticado para avaliar, já não só do mérito intrínseco do texto poético, como sobretudo da sua capacidade potencial para permitir que a palavra possa aqui agir, tal como o defendiam os pioneiros da Ópera italiana, nos alvares do século XVII, como “la padrona dell’armonia e non la serva”. Nestas “canções de Schubert sobre textos de Wilhelm Müller”, com efeito, o “milagre acontece”: enquanto os *Dichterliebe*, ainda que já sob a forma de “*Lieder* de Schumann” continuavam a ser essencialmente para Sena “poemas de Heine” numa nova roupagem, nos ciclos de Müller e Schubert os “textos” (e já não os “poemas”, sublinhe-se) do poeta diluem-se na sua função de pontos de partida remotos para uma criação em que a identidade essencial teria neste caso transitado para a esfera da Música.

O que levaria a concluir uma de duas coisas, ambas tão inesperadas como teoricamente desconfortáveis. A primeira seria a de estarmos perante uma inversão quase subversiva da relação de poder entre texto e música, reduzindo agora o texto poético a um mero pré-texto para criação musical e reconhecendo a esta última uma capacidade ilimitada de transmutação e nobilitação, mesmo de versos em que a análise tradicional veria apenas

“sentimentalismo vácuo”. A segunda, ainda mais problemática para a questão da própria operacionalidade plena da crítica, se não mesmo da sua legitimidade, seria a do reconhecimento da existência subliminar, até em textos poéticos aparentemente insípidos, de um potencial escondido de sugestão expressiva que, apesar de assustadoramente indetetável pelos padrões de avaliação do aparato analítico tradicional, reconheceria a essas palavras supostamente tão pobres, numa primeira leitura, o condão de revelarem em seguida toda a plenitude desse potencial, uma vez objeto de uma abordagem musical inspirada.

Sena, que encara com exemplar serenidade racional a hierarquia perfeita da relação poético-musical entre Heine e Schumann, fica manifestamente perturbado por estes sinais de fogo de plena subversão, quase que contranatura, que vê emergirem da parceria desregrada das canções de Müller e Schubert. E essa perturbação, manifestamente, surpreende-o, intriga-o, assusta-o e fascina-o.

* Licenciado em História pela Faculdade de Letras de Lisboa e Doutor em Musicologia pela Universidade do Texas em Austin, é presentemente Professor do Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa e Diretor do Programa de Cultura da Fundação Calouste Gulbenkian.